



MARÇA MUNDIAL DAS MULHERES NO FÓRUM ALTERNATIVO MUNDIAL DA ÁGUA

FEMINISMO EM MARCHA ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES!

A Marcha Mundial das Mulheres é um movimento internacional presentes em 70 países de todas as regiões do mundo e no Brasil está organizada em 20 estados. Mudar o mundo e mudar a vida das mulheres em um só movimento nos move na luta por igualdade para todas.

A expansão do capital sobre os territórios mostra que o capitalismo, racismo e patriarcado formam um modelo entrelaçado, de múltiplas dominações. Quando as empresas se apropriam da natureza impedem o acesso das mulheres aos bens comuns do território em que vivem. A violência e o racismo são instrumentos das empresas para a conquista dos territórios e a exploração do trabalho.

Defender a água como um dos principais bens comuns. Lutar contra o seu controle pelas empresas transnacionais e contra sua privatização é um eixo estratégico da luta das mulheres e de todos os povos. Quando dizemos **NÃO** a esse modelo de dominação abrimos caminhos para a construção de nossas propostas, baseadas nos princípios da harmonia com a natureza, a solidariedade, coletividade, complementariedade e redistribuição.

O **Fórum Alternativo Mundial da Água** (FAMA 2018) é uma resposta dos movimentos sociais em contraposição ao Fórum das Corporações (8º Fórum Mundial da Água) e será um grande encontro com o objetivo de unificar internacionalmente a luta contra a apropriação de reservas e de fontes naturais de água e serviços públicos por empresas transnacionais.



A água é um bem comum da humanidade. Todas e todos temos direito à água de qualidade. Ela é essencial para a vida e para diversas produções, um bem renovável, porém limitado e com disponibilidade irregular. No planeta, somente 3% da água é doce e somente 1% é própria para utilização. Desses, cerca de 90% é consumida pelo agronegócio e pela indústria.

Em muitos países ricos como, por exemplo, França, Alemanha e Suécia, as pessoas tomam água potável direto da torneira. Enquanto isso, 900 milhões de pessoas no mundo não tem acesso à água potável. A maioria dessas pessoas vive na África

e no sul da Ásia. Além disso, na América Latina, cerca de 110 milhões de pessoas vivem sem saneamento básico. No território palestino ocupado por Israel, empresa Mekorot opera sistematicamente cortando o abastecimento de água das famílias palestinas. O consumo médio de água de um (a) israelense equivale ao de quatro palestinos(as).

O nordeste brasileiro e muitos bairros periféricos das grandes cidades enfrentam um sistema permanente de racionamento, muitas vezes acessando água apenas 3 vezes por semana. Enquanto a população é privada da água, na região do semiárido, o agronegócio utiliza-se de boa parte dela para a fruticultura irrigada.

O CRIME DE MARIANA

Os conflitos que existem nos territórios têm consequências para as pessoas que ali vivem, mas também para a natureza como um todo. Em 2015, o rompimento de barragens em Mariana (MG) mostrou como isso acontece. Um crime da mineradora Samarco, da Vale do Rio Doce, matou 19 pessoas e despejou dejetos destruindo o rio, arrastando casas e plantações. Afetou grande parte do litoral brasileiro, resultando na morte de toda a fauna e flora do rio. Contaminou grande parte do litoral, impedindo o acesso à água de comunidades inteiras. Esse desequilíbrio ambiental teve consequências gravíssimas e de longo prazo, que desequilibram toda a biodiversidade.

A construção de barragens e a exploração para mineração geram grandes impactos sobre a vida das mulheres. Ocorre desde a perda de seus trabalhos e suas casas e o desmonte de comunidades, até o aumento da violência doméstica e da prostituição. Diante de um crime como o da Samarco, as mulheres deparam-se com diversos obstáculos para recomposição de seus meios de vida.

ELAINE CAMPOS



AS EMPRESAS CAPITALISTAS QUEREM CONTROLAR A ÁGUA

De um lado, estão os povos em luta pelo direito a água, que a defendem como um bem comum essencial para a vida. Do outro, grandes empresas transnacionais pretendem lucrar com o controle das fontes dos aquíferos, da gestão e da distribuição da água. Entre elas estão: Suez (da França), Coca-Cola (dos Estados Unidos), Nestlé (da Suíça), Mekorot (Israel).

As empresas transnacionais através do o discurso da escassez, da falta de chuva e da gestão inapropriada, falam em planos de gestão mais eficazes. No entanto, seu objetivo é lucrar com a água. Por isso, operam para que a distribuição seja organizada por companhias privadas, e não pelo Estado.

COMO ISSO É FEITO?

A lógica da privatização da água é a mesma utilizada para a natureza e a biodiversidade em geral, mas se apresenta de forma fragmentada. Sob o discurso da economia verde, as empresas compram o “direito” de poluir um local mediante a criação de um projeto de preservação em outro.

O TEEB é a sigla para Economia dos Ecossistemas e da Biodiversidade. Ela se baseia na ideia de considerar que a natureza proporciona “serviços”, como, por exemplo, a polinização feita por insetos e pássaros, a beleza das paisagens ou a qualidade de águas. O TEEB coloca um preço nesses “serviços” prestados pela natureza de uma

forma controversa. Para isso, é feito um cálculo que separa os valores de uso, como os alimentos ou a madeira, dos valores de “não uso”, como a floresta sem gente ou uma nascente.

O fundamento para colocar preço na natureza é a comparação entre os custos de preservação com os custos de utilização do meio ambiente. A conta funciona mais ou menos assim: quanto custaria para uma empresa se continuasse poluindo a água com sua atividade mineira, por exemplo, e depois tratasse essa água? E quanto essa empresa economizaria se preservasse as bacias hidrográficas ao invés de poluí-las? Dessa forma, calculam o que dá mais lucro e criam um mercado para essa preservação. As comunidades tradicionais que vivem nestas áreas em geral não são consultadas e são envolvidas em contratos de longa duração que tiram delas a capacidade de gestão sobre o território onde vivem.

A ÁGUA E A VIDA DAS MULHERES

Diante do cenário de má distribuição e controle da água pelo capital, as mulheres são as mais afetadas. A divisão sexual do trabalho impõe que as mulheres sejam responsáveis pela maior parte da carga do trabalho doméstico e de cuidados. Esse trabalho, invisibilizado e desvalorizado, é crucial para garantir a sustentabilidade da vida humana e da natureza.

As mulheres são quem trabalham para garantir que o abastecimento e o estoque de água sejam suficientes para suprir as necessidades de alimentação e higiene dos habitantes da casa. Nas comunidades rurais, nas áreas



DIZEMOS NÃO À CRIMINALIZAÇÃO DAS MULHERES

Prestamos nosso apoio às lutadoras e lutadores que resistem com seus próprios corpos contra a mercantilização e apropriação da vida pelo capital e em defesa dos territórios e dos bens comuns. Berta Cáceres e Nilce de Souza são dois exemplos de mulheres que enfrentaram o poder do agronegócio, das usinas mineradoras e hidrelétricas e foram assassinadas a mando dos donos do capital. Denunciamos a tentativa de homicídio de Francisca do MIQCB (Movimento Interregional de Quebradeira do Coco Babaçu). O conflito foi desencadeado pela retirada de uma cerca durante mutirão comunitário para que mais de 20 comunidades tivessem acesso ao açude Santa Rosa São João do Arraial, Piauí.

indígenas e quilombolas, elas ainda garantem que haja água suficiente para o plantio e a subsistência, construindo e operando instalações de acesso à água, como, por exemplo, as cisternas de coleta de chuva.

No Brasil, as crises hídricas nos estados do sudeste e do nordeste empurraram para as mulheres uma sobrecarga do trabalho. Todas as atividades cotidianas como lavar a roupa, a louça e limpar a casa ficam comprometidas quando as fontes de água secam. As mulheres são as que também se sentiam com a função de gerir a crise dentro de suas casas. Para isso tinham que controlar os tempos de banho, estocar água ou percorrer grandes distâncias para acessar reservas. Essas crises, que não são por falta de chuvas, mas resultado de uma gestão voltada para o lucro, afetou principalmente as mulheres negras e mais pobres, da periferia das cidades e do campo.

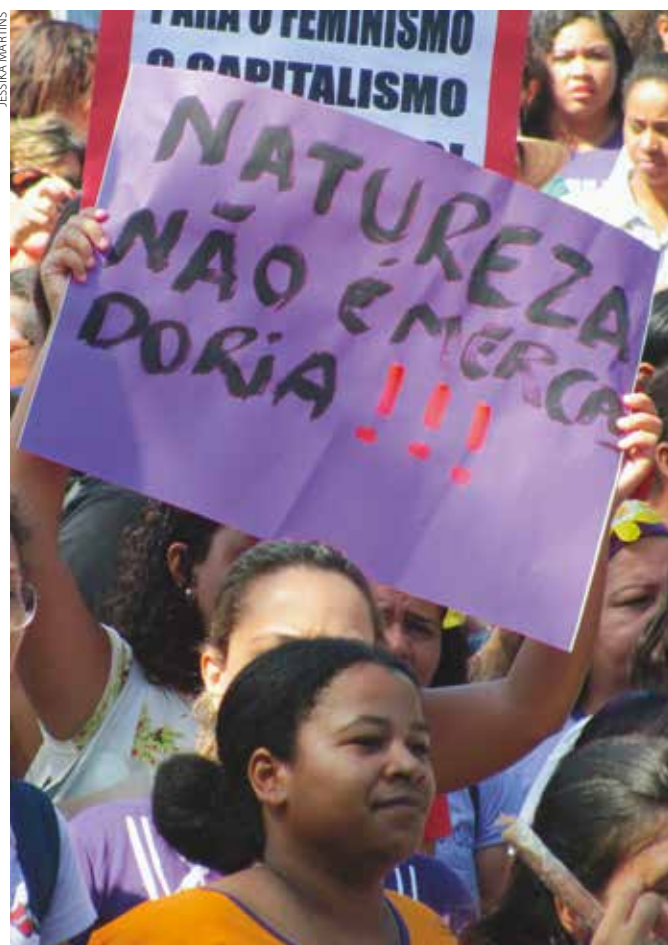
ENFRENTAR O NEOLIBERALISMO E SUAS ARTIMANHAS!

Enfrentar o neoliberalismo hoje é enfrentar o poder das empresas transnacionais e seus instrumentos de cooptação.

O mercado incorpora elementos dos discursos das lutas sociais de forma fragmentada e esvazia seu conteúdo, ora de forma sutil, ora de forma explícita.

O discurso da sustentabilidade é incorporado pelas mesmas empresas que destroem a natureza.

A Votorantim, por exemplo, contamina a natureza e se apropria de territórios através da mineração e indústria de cimentos. Mas exhibe mundo a fora seu projeto “Legado das águas”, que se situa no Vale do Ribeira, um território



em que existe muito conflito e luta para que os povos indígenas e quilombolas e camponeses possam seguir vivendo e plantando.

Essa tática da responsabilidade social utilizada pelas empresas não passa de uma maquiagem para esconder as explorações que cometem com as(os) trabalhadoras(es) e a natureza.

Os tratados de livre comércio (e de investimentos) são outros instrumentos utilizados pelo neoliberalismo. Os novos tratados são extremamente ofensivos para controlar os serviços, impõem muitas regras e estabelecem que processos de liberalização e de privatização que não podem ser revertidos.



RESPOSTAS E ALTERNATIVAS

Como parte desse enfrentamento, e de muita luta, propostas e alternativas foram construídas. Em muitos países que os serviços públicos foram privatizados, estão em curso processos de remunicipalização. O setor privado prometia eficiência, mas entregou serviços de má qualidade e aumento dos preços.

As mulheres do semiárido brasileiro, a partir da conquista e construção de cisternas de captação de água das chuvas, têm alcançada maior autonomia com a apropriação de uma gestão para produção e consumo da água.

O GOLPE NO BRASIL QUER ENTREGAR NOSSA ÁGUA PARA AS EMPRESAS CAPITALISTAS TRANSNACIONAIS

O golpe no Brasil está atacando os direitos e as condições de vida, ao mesmo tempo em que coloca o país a venda. A privatização da Eletrobrás e o controle dos usos da água são exemplos disso. Empresas como a Nestlé e a Coca-Cola se reúnem com o Temer com o objetivo de ampliar a privatização. O Brasil possui 12% das reservas de água doce do mundo. O aquífero guarani é um dos principais alvos dessa nova ofensiva privatizadora da água. Para ter controle sobre o ele, as empresas e o governo golpista devem propor projetos fragmentados.

Está em curso em todo o país o avanço do ataque aos territórios e da apropriação dos bens comuns. O nordeste é um exemplo paradigmático. De um lado, as organizações sociais, as mulheres, camponesas e camponeses afirmam a convivência harmônica com o semiárido, através da captação e reuso da água, produção agroecológica e autonomia dos territórios. Do outro, o capital em aliança com a maioria das gestões estatais, vende a natureza e explora a mão de obra do povo nordestino. Isso se materializa nos grandes projetos como os perímetros irrigados do PE, CE e RN, nas mineradoras do MA, PB, RN, nas energias eólicas do CE e RN.

AS MULHERES ESTÃO À FRENTE DAS PRINCIPAIS RESISTÊNCIAS:

- | *Jornadas de Cochabamba, 2000*, luta contra a privatização pela empresa Bechtel. A revolta popular alimentou a luta contra a ALCA e também fez a Bolívia inserir na sua Constituição os direitos da água e da natureza.
- | *África do Sul, 2008*, a luta contra privatização assegurou que as famílias de Soweto tivessem o dobro de água na caixa.
- | *Fábrica da Aracruz Celulose, 2006*, mulheres da via campesina promovem ação contra o monocultivo de eucalipto, denunciando a desertificação dos territórios
- | *Estados Unidos e Turquia*, luta contra bombeamento das águas das comunidades feito pela Nestlé.
- | *Bahia, 2016*, após de movimentos ligados ao BDS (Boicote, desinvestimento e sanções do Estado de Israel) e de organizações da via campesina, governo estadual cancela acordo de cooperação com a empresa Mekorot.
- | *Apodi/RN* pela defesa da água da Barragem de Santa Cruz. Hoje pela defesa do aquífero Jandaíra pertencente ao estado do RN e CE, ameaçado pelas empresas do agronegócio.

NOSSA LUTA É TODO DIA!

Na Marcha Mundial das Mulheres lutamos para superar a divisão sexual do trabalho. Lutamos também pelo reconhecimento de que o trabalho doméstico e de cuidados está na base da sustentabilidade da vida humana e das relações entre as pessoas. Acreditamos que é possível estabelecer (e em alguns casos reestabelecer) uma relação dinâmica e harmoniosa entre as pessoas e a natureza e que as mulheres, com sua experiência histórica, têm muito a dizer sobre o tema, devendo estar incorporadas nos processos de decisão e gestão da água. A nossa luta contra o modelo capitalista, racista e patriarcal de produção, reprodução e consumo entende a água como um bem-comum.

Nosso desafio é unir as lutas pelos bens comuns e serviços públicos das mulheres do campo e da cidade contra a privatização da vida e pela proteção da natureza. Nosso objetivo é fortalecer os laços entre mulheres, conscientizar sobre os problemas comuns e particulares em cada âmbito e lutar pela mudança de modelos de produção e consumo.

SEGUIREMOS EM MARCHA ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES!

Entre em contato com a gente, para saber mais:

www.marchamundialdasmulheres.org.br | 11 3819-3876 | whatsapp 11 98873 1769 | marchamulheres@sof.org.br | Marcha Mundial das Mulheres